



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

JUVENTUDE RURAL E RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO – UM ESTUDO INICIAL

Esterliana Araújo Oliveira*
(UESB)

Silvia Regina Marques Jardim**
(UESB)

RESUMO

O artigo estuda a juventude rural no que diz respeito às relações sociais de gênero. Procura apreender e descrever o conceito de gênero, juventude (em sentido amplo) e juventude rural (em sentido específico). Procura estudar como essas abordagens podem contribuir para a educação e quais os fatores que devem ser considerados para pensar numa educação que possa respeitar e valorizar as diferenças de gênero. Essa pesquisa é de caráter introdutório e busca desenvolver uma aprendizagem sobre o conceito de gênero e juventude rural e, para isso, está sendo realizado levantamento bibliográfico de produções acadêmicas que se propõem estudar a categoria gênero e sua contribuição para educação, bem como buscamos verificar como o gênero surge para se pensar o meio rural, em especial trabalhos que abordaram a juventude rural.

PALAVRAS – CHAVE:Relações sociais de gênero, Juventude, Juventude rural.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo abordar o conceito de juventude rural e sua interface com a categoria de análise de gênero. Trata-se de pesquisa em

* Discente concluinte do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *Campus* de Vitória da Conquista; Grupo de Estudo: Gênero, Política, Álcool e Drogas – GEPAD; Agência Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB; *E-mail*: esterliana.oliveira@hotmail.com

** Doutora em Educação Escolar, UNESP, Araraquara, SP.; Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *Campus* de Vitória da Conquista; Grupo de Estudo: Gênero, Política, Álcool e Drogas – GEPAD; *E-mail*: silvia.jardim@hotmail.com



andamento cujo interesse está em apreender e descrever o conceito de gênero, juventude e juventude rural, buscando relacioná-los.

A partir da focalização desta temática, procuramos delinear as produções acadêmicas que cruzassem juventude rural e as relações sociais de gênero. A fonte de busca se deu por meio da internet, dando especial atenção ao banco de dados da CAPES e artigos veiculados pelo Scielo. Essa pesquisa prévia permitiu verificar títulos e resumos de pesquisa que estudam as relações sociais de gênero, mas poucos trabalhos dissertavam esse tema integrando a juventude rural. Nesta busca, encontramos a pesquisa de Castro (2008) que chama a atenção ao afirmar que, embora haja estudos sobre campesinato que debatem concepções de juventude, a atenção à juventude rural ainda tem tido pouco investimento nas pesquisas. A pesquisa de Jardim (2011) confirma este dado e aponta a existência de pesquisas que entrelaçam gênero e temáticas ligadas ao campo, mas o entrelaçamento entre gênero e juventude rural é um tanto mais raro. A autora, citando Whitaker (2008), diz que as pesquisas que abordam juventude têm crescido, mas poucas vão tratar especificamente da juventude rural. Observa que, atualmente, as pesquisas têm tido o cuidado de não generalizar o conceito juventude, uma vez que este é um conceito complexo que está para além do entendimento de uma fase biológica.

Juventude é uma categoria social que engloba características específicas de acordo com o grupo social. Assim, embora exista algo que caracteriza a juventude, dentro deste conceito, existem, poderíamos dizer, “juventudes”. E, juventude rural, seria uma especificidade desse conceito amplo e controverso, foco deste artigo.

Ainda buscando dados bibliográficos sobre esta temática, constatamos pesquisas importantes (CODE, 2011; SILVA, 2008; VIEIRA, 2006) que tratam da juventude rural, mas buscamos focalizar os determinantes da evasão e da permanência dos jovens e das jovens do campo e de que forma uma proposta de educação voltada para as necessidades desses jovens contribui para oportunizar melhores condições de vida e escolha de permanência ou não deles no campo.



Essa observação evidencia a importância de produzir essa pesquisa que procura refletir sobre essa temática, de modo que possamos nos esforçar em dar visibilidade ao espaço rural e também às questões de gênero. Para tanto, buscamos fazer um levantamento bibliográfico a respeito do tema, procurando apreender a categoria de análise de gênero e o conceito de juventude rural, procurando observar produções que relacionaram estas duas temáticas.

Entendemos, neste trabalho, que o levantamento bibliográfico

É uma das formas mais rápidas e econômicas de amadurecer ou aprofundar um problema de pesquisa, é através do conhecimento dos trabalhos já feitos por outros, via levantamento bibliográfico. Este levantamento deverá envolver procura em livros sobre o assunto, revistas especializadas ou não, dissertações e teses apresentadas em universidades e informações publicadas por jornais, órgãos governamentais, sindicatos, associações. (MATTAR, 1996, p. 82).

O CONCEITO DE GÊNERO

Os estudos de gênero e geração nasceram por volta dos anos de 1970 e vêm tendo um avanço considerável nas áreas da Antropologia e da Sociologia, as quais tiveram maior destaque nas buscas por referencial teórico para embasar essa pesquisa. Inicialmente é importante reconhecer que gênero e geração “são termos relacionais que implicam em hierarquias e reciprocidades horizontais que são constituídas como relações de poder entre pessoas de sexos e idades diferentes” (SCOTT, 2010, p. 18).

O conceito gênero é utilizado para desconstruir significados que foram socialmente construídos mostrando que podem e devem ser reconstruídos quando construídos em torno da diferença sexual. Uma vez que o sexo é uma categoria biológica insuficiente para explicar os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher. E o gênero é uma categoria de análise das ciências sociais para questionar a suposta essencialidade da diferença dos sexos e a ideia de que homens são ativos,



racionais e fortes e as mulheres são passivas, emocionais e frágeis; diferenças essas que são produtos de uma construção social.

Em uma análise feita por Louro (1995), com base no texto de Scott, a autora afirma que gênero se refere “à construção social e histórica dos sexos” e tem como objetivo mostrar o caráter social das distinções baseadas na diferença biológica – o sexo. Explica, ainda, o gênero como um dos fatores da diferenciação, da distribuição e da construção do poder. Ratificando que o conceito gênero foi introduzido para legitimar os estudos sobre a mulher, “conferindo-lhes um caráter mais acadêmico e menos militante” para questionar desigualdades e hierarquias baseadas na biologia. Mas, essas não seriam as razões pelas quais a categoria se consolidou, e sim devido à “sua carga conceitual mais densa e compreensiva, já que aí se inscrevem não apenas o social, mas também o biológico, a cultura e a natureza” (LOURO, 1995, p. 103).

Portanto, é crucial uma atenção aos “modos pelos quais as sociedades representam o gênero e servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o significado da experiência”; já que gênero é uma importante categoria relacional de análise histórica, porque apreende como um dos dispositivos do poder é estabelecido e disseminado nas sociedades, permitindo caminhos para compreender as relações sociais e, conseqüentemente, para romper com naturalizações (SCOTT, 1995).

Scott (1995) ratifica ainda através do desenvolvimento de sua teorização que, é por meio do gênero, que o poder é articulado, lembrando que o gênero não é o único campo a realizar essa articulação, mas ele tornou-se uma das formas mais persistentes e recorrentes de possibilitar a significação do poder. Sendo que, é por meio dos conceitos de gênero que um conjunto objetivo de referências é estabelecido, estruturando a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social.

Nesta proposta, SCOTT (1995, p. 89) vê a diferença sexual como



uma forma primária de dar significado à diferenciação. O gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana. Quando os/as historiadores/as buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/as começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política.

Muito se tem discutido, recentemente, acerca de teorias e de práticas que abordam a atuação da mulher nas esferas social, política e cultural. Mas o desafio proposto é que a luta não seja apenas pela igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, e sim pela valorização da diversidade que provoca reflexão sobre estratégias de luta contra preconceitos e homogeneização. E as propostas começam a ir além da igualdade entre homem e mulher e a categoria de análise gênero passa a ser atravessada pelas linhas de classe, de raça, de etnia, de orientação sexual, de geração, entre outras (ROSEMBERG, 2001).

Sendo assim, podem-se destacar as lutas dos movimentos sociais aliadas aos estudos de pesquisadoras¹ sobre as relações de gênero, os quais tiveram repercussões positivas que fizeram disseminar e criar visibilidades não só para as desigualdades entre mulheres e homens, mas envolveu olhar para uma dimensão mais ampla, por exemplo, desigualdades nos meios rurais e diferenças de gerações.

Em virtude dos fatos mencionados, Scott (1989) fundamenta que “as pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente”.

A partir do reconhecimento acadêmico dessa categoria nas Ciências Humanas, houve um esforço, cada vez maior, em perceber e problematizar os discursos que naturalizam discriminações de ordem sexual. Disso, resultou o

¹Usamos o feminino, em “pesquisadoras”, pois ainda é uma maioria feminina que se detém nos estudos sobre as relações sociais de gênero.



interesse em se diferenciar, cada vez mais, o sexo biológico (masculino ou feminino) do sexo social (gênero), construído a partir da diferença biológica que produz, como seu efeito, o sujeito.

JUVENTUDE: PENSANDO A CATEGORIA JUVENTUDE RURAL

Juventude é sem dúvida mais que uma palavra. Ao acionar juventude como forma de definir uma determinada população, um movimento social ou cultural, ao usar a palavra jovem para definir alguém ou para se auto definir, estamos, também, acionando formas de classificações que implicam em relações entre pessoas, classes sociais, relações familiares, relações de poder e etc. (CASTRO, 2009, p. 6).

Como dito na introdução deste trabalho, o conceito de juventude chama a atenção por sua complexidade, uma vez que este assunto gera incertezas sobre onde começa a juventude e até quando (no nível biológico – idade) uma pessoa é considerada jovem. Muitas vezes, o fim da juventude é marcado pelo casamento e/ou pela entrada no mercado de trabalho, fato que vai configurar o ingresso dessa pessoa no mundo adulto e isso pode acontecer precoce ou tardiamente.

Entende-se, neste trabalho, que a juventude é um período da vida marcado pela expansão da vida social e o despertar das características que envolvem a sexualidade, que são biológicas, mas também são interpretadas culturalmente. É um período de ansiedades, de reflexão sobre o mercado de trabalho, de decisões, de sentimentos diversos no que se refere a expectativas da família e da sociedade sobre seu futuro.

Castro (2008) destaca a complexidade da categoria juventude ao lembrar, por exemplo, que ela representa uma hierarquia social, pois é entendida como um período da vida transitório, já que constitui num momento de “passagem” da vida de criança para a fase adulta. Ser jovem, para autora, significa estar em formação, não ter experiência de vida e, portanto, deve estar sob orientação constante de um adulto.



Observamos, ainda, que o conceito de juventude também vem ligado a significados, como “renovação”, “tempos melhores”, “futuro”, o que confirma a importância de estudos sobre a juventude para melhor compreendê-la (FERNANDES, ALMEIDA e WHITAKER, 2008 *apud* JARDIM, 2011).

Portanto, entendemos o ser jovem para além de uma fase transitória da vida, uma vez que é importante percebê-los como sujeitos responsáveis que estudam e têm outras atividades, que constroem um trajeto escolar e profissional combinado com essas outras dimensões que compõem a vida de cada um. No entanto, essa interpretação ainda é conflituosa, pois a interpretação adulta não consegue discernir até que ponto os jovens são responsáveis ou não, são capazes ou não, são competentes ou não, para definir sua identidade quanto sujeitos de direitos e deveres; tornando-se assim a juventude uma fase de transitoriedade, sem autonomia e legitimação (SILVA, 2008).

Esse trabalho, pretende, dentro do tema juventude, estudar uma característica específica da juventude, que é o viver no campo, ou seja, juventude rural. Jardim (2011) mostra que a especificidade em “ser do campo” enfrenta uma série de obstáculos, como, por exemplo, a distância entre a casa e as instituições de ensino, principalmente quando se trata de matrículas em cursos noturnos. No que diz respeito, por exemplo, ao acesso à educação, a autora cita Whitaker (2008) que lembra a diferença entre o jovem urbano pertencente a classes menos favorecidas e o jovem rural, dizendo que, além de estar mais distante fisicamente da escola, o jovem rural ainda tem menos acesso a informações e motivações sobre profissões, vestibulares, bolsa de estudos.

Desse modo, temos que considerar a existência de espaços distintos no entendimento sobre juventude, em especial juventude rural, a qual estabelece um convívio mais estreito entre suas relações sociais, como por exemplo, o convívio familiar e comunitário onde os jovens vivenciam cotidianamente experiências individuais e coletivas.



JUVENTUDE RURAL NA ÓTICA DO GÊNERO

Estudar uma importante categoria que é a juventude rural sob a ótica de outra categoria com a mesma relevância, o gênero, possibilita abrir novos caminhos e espaços, propiciando que práticas pedagógicas e discursivas sejam analisadas, não apenas no que diz respeito a gênero como também torna possível pensar sobre a diversidade em uma dimensão mais ampla. “As propostas dos estudos de gênero querem ir além da igualdade entre mulher e homem, pois carregam a valorização das diferenças e das identidades em seu sentido mais amplo (cor, classe, opção sexual, local de moradia, etc.)” A adoção da categoria gênero permite uma reflexão sobre diversidade com o propósito de pensar em estratégias de luta para combater formas de discriminações, de desigualdades, de preconceitos e de homogeneização, uma vez que a diferença não deve ser motivo para as desigualdades (JARDIM, 2011).

É importante observar que, quando pensamos na categoria juventude rural, merece destaque o papel dos movimentos sociais no Brasil que são palco do surgimento de novas organizações, entre eles, a organização do jovem do campo, quando surge como ator político. Trata-se de um jovem que defende seu espaço geográfico, buscando melhorias para o campo e ao mesmo tempo, mantém um diálogo com o mundo globalizado e reafirma sua identidade como trabalhador, pequeno produtor familiar, lutando por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos (CASTRO, 2008).

Castro (2008) ainda acrescenta que não se fala mais em juventude, mas em juventudes; o que “sem dúvida é um caminho que contribuiu para fugirmos de um olhar homogeneizante”. A autora ressalta, ainda, as contradições entre o discurso e a prática, as quais estão evidentes no momento em que o jovem é visto como muito responsável, trabalhador, estudioso; mas “pouco confiável” e, no caso, da jovem do sexo feminino, a autonomia para tomar decisões, viajar, participar de mobilizações



é um tanto refreada. Existe, portanto, dentro do grupo juventude rural, diferenças que marcam o gênero.

Entendemos, assim, que essa categorização da juventude carrega o 'peso' da transitoriedade; do enfretamento das desigualdades sociais, econômicas e políticas da realidade do campo brasileiro; e das "disputas, tensões e conflitos que marcam 'ser jovem' homens e mulheres, nestes 'novos' e 'antigos' contextos rurais". Esperando-se que tudo isso "possa contribuir para se dialogar com outras realidades e experiências" (Castro, 2008).

Nesse sentido, as experiências dos jovens rurais são distintas e múltiplas, o que implica diversas maneiras de viver a juventude – a partir da labuta diária, dos projetos tecidos coletivamente, dos rituais de alegria e de dor. É importante considerar a impossibilidade de traçar um perfil da juventude rural ou de construir um padrão, um tipo ideal do jovem rural.

A partir do conceito de gênero, Castro (2008) coloca que um dos maiores desafios a serem enfrentados pela juventude rural é a hierarquia e a autoridade paterna. Autoridade essa que "cria mecanismos de vigilância e controle sobre os jovens através das relações familiares e demais redes sociais, principalmente mulheres, que se estendem para os espaços que frequentam". A autora ainda exemplifica que "se os rapazes são controlados quanto aos locais que frequentam fora do assentamento, principalmente à noite, as moças não têm autorização para circularem sozinhas, têm que estar sempre em companhia de algum parente do sexo masculino" (CASTRO, 2008, p. 12).

Diante do exposto, fica evidente a desigualdade entre os jovens e as jovens do campo, fator esse que "reforça a deslegitimação social da atuação dos que são identificados como jovem em espaços de representação e organização rural. "Se a atuação dos jovens em espaços de direção e/ou decisão é conflituoso para os homens, para as mulheres é quase que inexistente"; já que "as jovens sofrem ainda mais com a forte presença da autoridade paterna", envolvendo desde a escolha de namorados até mesmo a proibição do namoro (CASTRO, 2008, p. 13).



Assim sendo, pode-se considerar que a forma de viver a juventude é diferente quando se pensa nas questões de gênero. Para as moças, a juventude é marcada por traços de proibição, principalmente em circular em espaços públicos e isto afetará sua vida adulta, tendo consequências negativas no convívio social e familiar. A pesquisa de Jardim (2011) observa que há avanços nas questões que envolvem o gênero, porém, as jovens ainda sofrem muitas discriminações, como, por exemplo, no namoro e nas atividades laborais que ficam restritas ao serviço doméstico ou cuidado com irmãos menores. Observamos, ainda, que as diferenças de gênero têm início na educação familiar, passando pela escola, mídia; tais distinções estão na esfera social que atribuem os papéis sociais que cada indivíduo vai exercer de acordo com sua diferença sexual.

CONCLUSÕES

As leituras realizadas para a elaboração deste artigo apontam a importância de se pensar que o desenvolvimento do campo depende de políticas públicas voltadas para a juventude que está no campo. Bem como a importância de se pensar e visibilizar a categoria socialjuventude rural. Dentre as temáticas localizadas, identificamos as dificuldades enfrentadas pelos jovens, e principalmente pelas jovens para construir seu projeto de vida no campo e a grande procura por melhores condições de vida, o que os levam, muitas vezes, a buscar nos centros urbanos formas de melhorar a qualidade de vida no campo.

Observamos aqui, a necessidade, de se pensar em políticas públicas para os jovens que envolvam principalmente educação, saúde e lazer; bem como políticas públicas que apoiem os jovens do campo a desenvolverem projetos para melhoria de vida no campo. Vieira (2006) e Puntel(2011), por exemplo, rebatem a ideia ainda vigente de que só restam no campo as pessoas mais velhas e observam que no meio rural brasileiro encontra-se uma parcela significativa de jovens, homens e



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

mulheres, que constroem distintas trajetórias e formas de pensar e vivenciar sua condição juvenil.

No que diz respeito ao gênero, entendemos que pensar essa categoria entre os jovens pode contribuir para a superação de desigualdades entre mulheres e homens; o gênero chama a atenção para que práticas desiguais de poder possam ser pensadas; desarticulando mecanismos de exclusão; já que, ao vislumbrar a categoria gênero nas relações sociais, é possível atentar para uma sociedade mais humana, mais solidária em que as diferenças têm que ser valorizadas e não devem ser aval para desigualdades.

Nessa perspectiva, trabalhar a diversidade no campo a partir das gerações e pensar as relações de gênero, pode trazer contribuições para que possamos, enquanto educadores, valorizar as diferenças, entre elas, a de pertencer ao meio rural e a especificidade do sexo. Desse modo, torna-se possível destacar a atuação de uma juventude que permite a releitura da sua identidade, associada anseiospor um futuro melhor e que reforce a imagem positiva do campo em diálogo com a cidade; vislumbrando um campo transformado.

Diferentemente do que vem sendo evidenciada, a potencialidade da juventude é a esperança (e não problema) de mudanças positivas na sociedade. Mas, para isso, é fundamental que ela seja valorizada, mesmo diante de muitas questões não resolvidas; uma vez que apesar dos avanços, ainda prevalece entraves, ambiguidades e contradições.

REFERÊNCIAS

CASTRO. Elisa Guaraná de. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural, contribuições para o debate. 2005. p. 1-20. Disponível em:



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

<<http://www.alasru.org/cdaldasru2006/02%20GT%20Elisa%20Guaran%C3%A1%20de%20Castro.pdf>>.

_____. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais. In: FERRANTE, Vera Lúcia S. B.; WHITAKER, Dulce Consuelo A (orgs.). **Reforma agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. Brasília: MDA; São Paulo: Uniara, 2008. p. 112-130

CASTRO, Elisa Guaraná; MARTINS, Maíra; ALMEIDA, Salomé L. Ferreira de; RODRIGUES, Maria E. Barrios; CARVALHO, Joyce Gomes de. **Os jovens estão indo embora?** Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 101-132, jul. /dez. 1995.

MATTAR, FauzeNajib. **Pesquisa de marketing**. Edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

SILVA, Catarina Malheirosda.(UFBA). Escola, Projetos de futuro e Cotidiano – o que dizem as jovens rurais de um município baiano. **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis, 2008.

JARDIM, Silvia Regina Marques. Juventude Rural: diários como instrumentos de produção de dados. X Colóquio Nacional e III Colóquio Internacional do Museu Pedagógico. Anais... 2013.

_____. **Entreaberto botão, entrefechada rosa: vivências da adolescência feminina em assentamento de reforma agrária**. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação: FCL/UNESP Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara/SP, 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 27, n.1, p. 47-68, jan./jun. 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, 1995.

SCOTT, Parry. Gênero e Geração em contextos rurais: algumas considerações. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (orgs.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010; p. 17-35.